VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

Oficinas com crianças e adolescentes em contexto de abrigo: relato de experiência.

Aquino Gouveia, Maria Lígia, Belarmino Souto, Jailma, Gonã§alves, Edivan, Candido Da Silva, Antonio Marcos, Elias, Rafaela y Miranda, Lucas.

Cita:

Aquino Gouveia, Maria Lígia, Belarmino Souto, Jailma, Gonã§alves, Edivan, Candido Da Silva, Antonio Marcos, Elias, Rafaela y Miranda, Lucas (2015). *Oficinas com crianças e adolescentes em contexto de abrigo: relato de experiência. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-015/687

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/epma/Etx

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org.*

OFICINAS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE ABRIGO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aquino Gouveia, Maria Lígia; Belarmino Souto, Jailma; Gonã§alves, Edivan; Candido Da Silva, Antonio Marcos; Elias, Rafaela; Miranda, Lucas
Universidade Estadual da Paraíba. Brasil

RESUMEN
Apesar de a legislação contemplar muitos direitos no sentido da proteção a crianças e adolescentes brasileiros, a existência de uma lei não é o suficiente para que ela seja efetivada. No campo da proteção, para as crianças em situação de risco, uma das medidas foi instituir abrigos como medida provisória e excepcional, utilizável diante da constatação de que a criança estava sendo vítima de abandono, sofrendo negligência e violência. O abrigamento seria aplicado como forma de transição para a recolocação na família de origem ou, esgotada essa possibilidade, colocação em família substituta. Neste contexto, pode-se refletir sobre as condições de consideração e constituição dos sujeitos em uma perspectiva teórica psicanalítica. Diante do sofrimento e desamparo de crianças em abrigos, este estudo tem como objetivo desenvolver oficinas com um grupo de crianças e adolescentes de um abrigo no sentido de escutá-las e promovê-las para a participação enquanto sujeito psíquico, social e político. Nesse sentido, este trabalho tem se pautado para além do campo "educativo" e apostado na construção singular que as crianças, alvo desse projeto, produzem brincando, desenhando, criando ou até se rebelando em algumas situações.

Palabras clave
Abrigo, Crianças/adolescentes, Sujeito

ABSTRACT
WORKSHOPS WITH CHILDREN AND ADOLESCENTS IN A SHELTER CONTEXT: EXPERIENCE REPORT
Although the legislation address many rights towards the protection of children and Brazilian adolescents, the existence of a law is not enough for it to be efetivada.No field of protection for children at risk, one measure was instituted shelters as a temporary and exceptional measure, usable given the fact that the child was a victim of neglect, suffering neglect and violence. The shelter would be applied as a form of transition for replacement in the family of origin or exhausted that possibility, commissioning family substituta.Neste context, one can reflect on the conditions for consideration and constitution of subjects in a theoretical perspective of psicanalítica. Diante suffering and helplessness of children in shelters, this study aims to develop workshops with a group of children and teenagers from a shelter in order to listen to them and promote them to participate as psychic subject, social and político.Nesse sense, this work has been guided beyond the "educational" field and bet on the unique construction that children target of this project, produce playing, drawing, creating or even rebelling in some situations.

Key words
Shelter, Children/adolescents, Subject

Introdução
Na década de 1980, no Brasil, os movimentos sociais oprimidos pela ditadura começaram a retomar sua força. Esses movimentos reapareceram organizando-se para reivindicar direitos de várias minorias. As discussões sobre inclusão social se intensificaram, dentre elas, ocorre um forte debate sobre o tratamento discriminante do Estado com as crianças e adolescentes pobres do país. A pobreza até esse momento, através dos instrumentos sociais jurídicos, era concebida como pontual e não estrutural. Não se atrelava a pobreza e suas consequências sociais à desigualdade social presente desde o Brasil colônia (Ayres, 2002).
Os movimentos sociais, internacionais e nacionais, em favor da infância foram ganhando força e serviram de fundamento para a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA -, que entrou em vigor em 1990. O ECA representou um grande avanço na luta pelos direitos da criança e do adolescente, porque trouxe mudanças relevantes no que diz respeito à abordagem do setor público sobre esse grupo, sendo construída uma nova perspectiva e visão de políticas de proteção, caracterizada pelo respeito e promoção de direitos à criança, sem distinção de nenhuma ordem. A partir do ECA, foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). Mas, apenas em 1993, foi realizada a primeira reunião desse conselho (Marcílio, 1998). Portanto, com a democracia instalada, e um estatuto avançado de proteção, as condições básicas estavam criadas para que a criança brasileira usufruísse de seus direitos, - os avanços foram significativos. Entretanto, apesar de muitos indicadores sociais terem sido revertidos positivamente (taxa de mortalidade, escolaridade, analfabetismo), ainda se depara, no Brasil, até a atualidade, com graves situações de violações dos direitos das crianças. Algumas políticas de distribuição de renda vêm sendo implementadas, mas ainda se faz necessário possibilitar alcance de instrumentos importantes de inclusão social, para que esse ciclo historicamente persistente de desigualdade seja superado.
Apesar de a legislação contemplar muitos direitos no sentido da proteção a crianças e adolescentes brasileiros, a existência de uma lei não é o suficiente para que ela seja efetivada. No Brasil, as discussões sociais sobre Direitos Humanos ainda são muito frágeis e, apesar da ordem jurídica ser relativamente avançada, a formulação e efetivação de políticas públicas não parece atingir o objetivo da igualdade. Observa-se que, os agentes encarregados das políticas públicas, muitas vezes, não estão imbuídos do espírito dos Direitos Humanos, o que leva as instituições a funcionarem sem acordo com o respeito aos direitos do cidadão.
No campo da proteção, para as crianças em situação de risco, - que, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica aplicada - IPEA - (2002), está muito associado à pobreza -, uma das medidas foi instituir abrigos como medida provisória e excepcional, utilizável diante da constatação de que a criança estava sendo vítima de abandono, sofrendo negligência e violência. O abrigamento seria

aplicado como forma de transição para a recolocação na família de origem ou, esgotada essa possibilidade, colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade, sendo-lhe garantida, portanto, a convivência comunitária.

A grande alternativa para evitar o abrigamento (institucionalização) das crianças e adolescentes é contar, na rede local de atendimento, com um bem estruturado serviço de orientação e apoio sócio-familiar, uma vez que, grande parte das circunstâncias que levam as crianças a se encontrarem em abrigos advém de problemas estruturais, mais especificamente, a pobreza em que se encontram muitas famílias (IPEA, 2002). Assim, no contexto do acolhimento institucional é de fundamental importância a promoção da construção da autonomia, de um projeto de vida, da consciência política e cidadã favorecendo a superação das condições sociais e econômicas desfavoráveis das crianças e adolescentes e suas famílias.

A constituição do sujeito a partir da psicanálise

Neste contexto, pode-se refletir sobre as condições de consideração e constituição dos sujeitos. Desde a descoberta de Sigmund Freud do domínio do inconsciente sobre o "Eu", que a maneira de se pensar a constituição humana sofreu grandes transformações. Ao colocar o humano no campo de sujeito do desejo, portando assujeitado e agente do próprio destino, fato posto desde a chegada do recém nascido ao mundo, que esse saber afeta o sujeito em qualquer fase de seu desenvolvimento, mas principalmente em referência aos seus primeiros anos de vida.

Nessa perspectiva, aprendemos com a teoria psicanalítica que o *infans* ao nascer depende do par parental que o desejou, assim como da cultura e contexto social a que pertencem esses, que vão inseri-lo na linguagem, provocando com esse ato a constituição psíquica. Diferente de outros animais, o bebê carece de um outro tutelar que fundamente e dê sentido simbólico a sua entrada ao mundo.

Esse processo é sempre complexo, haja vista que uma criança já chega ao mundo com o revestimento de um ideal alimentado no imaginário da família que o constituiu. Há sempre um mito previsto que solicita do pequeno ser bem mais do que ele está em condições de preencher. Quando o imaginário consegue certo revestimento simbólico e o par genitor se apropria das ilusões de respostas que a criança pode dá, o mito familiar se reordena em torno do novo ser e a construção do laço parental segue com as singularidades pertinentes de cada par.

Entretanto, nem sempre esse laço é possível de se formalizar, algo nesse encontro manca, o imaginário se recobre do buraco do real impedindo a formulação de simbolização que fortaleça os laços familiares. Em algumas dessas realidades a criança é posta em situação de desamparo, necessitando da tutela Estatal.

São impares as histórias das crianças que se encontram em situação de "tutela de casas de acolhimento". Divididas por condição de gênero e faixa etária, elas são parte de um lar onde as relações afetivas estão suspensas em função das questões de ordem e disciplina.

Diante do sofrimento e desamparo de crianças em abrigos, este estudo tem como objetivo desenvolver oficinas com um grupo de crianças e adolescentes de um abrigo no sentido de escutá-las e promovê-las para a participação enquanto sujeito psíquico, social e político.

Método utilizado

As oficinas foram realizadas na Universidade Estadual da Paraíba, departamento de Psicologia, na sala de dinâmica de Grupo.Três estudantes em atividade de extensão conduziram, uma vez por semana, oficinas com 11 crianças em acolhimento institucional do município de Campina Grande-PB-Brasil, todas do sexo masculino, com idades variando de 10 a 14 anos. A cada oficina os alunos realizavam o registro em um diário de campo. Uma vez por semana os professores responsáveis pelo projeto realizavam supervisão.

Fragmentos das oficinas

A partir da realização de 10 oficinas com crianças e adolescentes destacaram-se alguns aspectos, um deles refere-se a dificuldade de produções simbólicas e a intensa atuação. As crianças correm, lutam, se jogam, batem uns nos outros em todas as oficinas. Entretanto, pouco a pouco, vão conseguindo falar e simbolizar o que estão sentindo. Um outro aspecto é o estabelecimento de confiança com os extensionistas. As crianças e adolescentes são submetidos a muito controle e punição. Tendo pouco espaço para se colocarem enquanto sujeitos. São vigiados e direcionados para o que os educadores julgam como bom comportamento. Inclusive de forma a buscar interferir e controlar as crianças e adolescentes durante as oficinas. Uma das crianças colocou no grupo que os educadores falaram que os extensionistas contavam tudo que ocorria nas oficinas.As crianças relataram também ter ficado de castigo no abrigo por não terem se comportado na última oficina. Falaram que o castigo foi ficar sentados sem poder sair, brincar, e nem ver TV, falaram que só saiam para se alimentar e tomar banho. Foi realizada uma reunião com a equipe profissional do abrigo para mais uma vez esclarecer sobre a perspectiva e a objetivo do trabalho. Que a dinâmica das oficinas não era realizada com o objetivo de educar e direcionar o comportamento das crianças, mas permitir que as mesmas expressem seus sentimentos e assim elaborem conflitos e sofrimentos, promovendo o lugar de sujeito. Portanto, foi colocado para a equipe que em relação ao trabalho realizado não havia a necessidade de disciplinar as crianças.

Em vários momentos durante as oficinas elaborações foram sendo realizadas. Em uma das oficinas propomos a dinâmica com o objetivo de estimula-los a falar sobre seus sentimentos, foram distribuídos balões em que cada um deles continham um papel escrito algum tipo de sentimento. A primeira etapa da dinâmica era que as crianças deveriam cuidar e proteger seu balão, passado algum tempo, foi passada para a segunda etapa, na qual as crianças deveriam estourar seus balões e pegar o papel que estava dentro.

Ao estourar os balões as crianças começaram a ler o que estava escrito nos papéis. Perguntávamos as crianças o que elas queriam falar sobre aquele sentimento. Uma delas tinha em seu balão o papel escrito vergonha, e ao ser indagado sobre o que aquele sentimento significava para ele o mesmo colocou: " vergonha é quando os meninos vão pra casa e eu não vou, ai eu fico triste". Uma outra criança ao ser questionada ao pegar o papel escrito o sentimento tristeza responde :" tristeza é quando a gente fica triste. Não pode bater, não pode falar palavrão, tem que obedecer".

Em outra oficina um dos meninos propôs a brincadeira dos três porquinhos a uma das extensionistas, em seguida a maior parte das crianças também quiseram participar na brincadeira e começaram então a construir suas casas com almofadas que se encontravam na sala. Algumas crianças se reuniram e montaram uma casa grande para morarem todos juntos, porém, um dos meninos chama um dos extensionistas para lhe ajudar a montar sua casa separada, embaixo de uma mesa que está localizada no canto da sala. Ao montar sua casa o menino chama o extensionista para entrar e fala que ele será seu pai durante a brincadeira. Diz que irá lavar a louça da casa e o pai vai fazer compras, diz que a casa tem 3 quartos e quando questionado sobre os quartos ele responde que "é um meu, um seu e o outro tá quebrado". Logo em seguida o menino afirma que está de noite e é hora de dormir e pede para seu pai (o

extencionista) contar um historia, mas o extencionista pede para que ele mesmo conte a história e a criança diz que o extensionista tem que contar a história porque ele é o pai e os pais contam historias para os filhos dormirem. Em seguida a criança sai e vai brincar com os demais meninos. Durante a brincadeira pode ser observado manifestações um tanto quanto agressivas, fisicamente (com empurrões, murros) e verbalmente (palavrões).

Enquanto essa construção das casas era feita os outros dois extensionistas perguntava se se lembravam da casa na qual moravam antes de ir pro abrigo, de seus pais, se tinham saudade da casa ou dos pais, como também, se já foram visitar alguma vez seu antigo lar depois que chegaram no abrigo. Uma das crianças falou do seu antigo bairro, o nome de seus pais. Outra quando perguntei sobre sua antiga casa me respondeu "minha casa é o abrigo e pronto", evidenciando a angustia. Outra falou de sua antiga casa, que tinha ratos, que era suja, assim como já tinha feito algumas visitas lá depois que estava no abrigo, mas que em apenas uma tinha encontrado alguém casa.

Em uma das oficinas foi pedido as crianças que falassem como tinham se sentido desde o último encontro, um dos meninos relatou que ficou triste, por não ter obedecido no último encontro e disse que não gosta do abrigo, pois ele chegou até o mesmo enganado e que falaram para ele que iria passar apenas alguns dias e depois voltaria para casa. Uma das crianças relatou que era revoltado e que já tinha fugido do abrigo para ir ficar na casa de sua avó, disse que sua revolta era porque não gosta do abrigo e que queria morar com sua avó, os demais meninos falaram que tinham ficado triste por não terem se comportado no último encontro. Em meio a essa conversa os meninos foram se agitando, com empurrões, correrias, assim foi sugerido que desenhassem e pintassem em uma cartolina, foi dito que eles podiam pintar o que eles tinham sentido, pensado e como eles estavam e que se quisessem podiam também escrever.

Logo em seguida as crianças começaram uma briga, um dos meninos bateu em seu colega, logo em seguida um outro se dirigiu a uma cadeira e deu um soco na cadeira e disse que era revoltado, na oportunidade um dos extensionista se dirigiu até o mesmo e sentou ao lado e disse que ele podia falar sobre sua raiva, que não precisava bater, mas sempre podia falar do que sentia e que estaria ali para ouvi-lo.

Em outra oficina as crianças pediram folha e lápis para desenharem, a maioria desenhou casas. Depois de um certo tempo, eles estavam demasiadamente elétricos, e as brincadeiras de bater retornaram de forma muito intensa.

Os processos transferenciais no decorrer do trabalho foram evidentes, em uma das oficinas umas das crianças pegou duas folhas que estavam em uma estante localizada na sala e chamou um dos extensionistas e falou que iria lhe ensinar a fazer um barco de papel, e começou a fazer o passo a passo e ensinando ao extensionista. Após terminar o barco relatou que agora iria ensinar a fazer uma caixa de papel, pegou os dois barcos e desmanchou e começou a ensinar como fazer a caixa, após terminar de fazer a caixa o extensionista o indagou quem teria lhe ensinado a fazer e o mesmo disse que era segredo, logo em seguida olhou para o céu e falou que foi ele (Deus) quem pediu para uma pessoa lhe ensinar, em seguida falou que tinha sido um dos meninos do abrigo quem tinha ensina a pedido de Deus.

Uma outra evidência da transferência das crianças com os extensionistas apareceu na frequente pergunta das crianças se os extensionistas estarão presentes nas próximas oficinas. Através da transferência a insegurança, perdas, desamparo e descontinuidades aparecem como material a ser elaborado.

Considerações finais

Referendados na teoria de Freud e Lacan, acreditamos na via da relação transferencial que possibilita o campo da fala e da autonomia, que o trabalho com essas crianças se conduz. É evidente no discurso das crianças e da própria instituição tutelar a falta de espaço para a expressão da singularidade, tudo está feito e referido ao âmbito do coletivo, ficando excluída exatamente a possibilidade desses pequenos sujeitos em formação se apropriarem de sua subjetividade.

A realidade dessas crianças as expõe a um déficit simbólico numa fase do desenvolvimento que deixará marcas as quais não podemos mensurar, mais já testemunhamos parte dessas sequelas. Além disso é difícil separar as questões sintomáticas formuladas como defesa do eu ou como negação de reconhecimento egoico, dada a precariedade subjetiva. Lacan formula que o sintoma da criança porta em si uma relação com o par parental e no caso das crianças em questão, esse vínculo está perdido, ou seriamente abalado, para que a criança possa se apropriar construtivamente dessa elaboração. "O sintoma da criança se encontra no lugar de responder àquilo que há de sintomático na estrutura familiar" (Lacan 1998).

Resta a essas crianças endereçar ao Outro institucional suas demandas de amor, identificadas em todas as oficinas e em todos os contados feitos com os extensionistas. Demandas que só podem ser respondidas como acolhimento de lugar de escuta, oferta de espaço de construção subjetiva.

Aprendemos desde a teorização de Freud sobre o "jogo do carretel" de uma criança pequena, que o brincar de uma criança está para além do ato físico ou de mero entretenimento, mas porta representações de construções simbólicas que cumprem função na psique. O ato de brincar porta significantes além do prazer e do divertimento e tem relações com as criações simbólicas pertinentes ao ser infantil.

Nesse sentido, este trabalho tem se pautado para além do campo "educativo" e apostado na construção singular que as crianças, alvo desse projeto, produzem brincando, desenhando, criando ou até se rebelando em algumas situações. O importante é fazê-las falar a partir do aporte de que dispõem. Sabemos que "no alicerce de toda palavra, é a pulsão que insiste" (ALONSO, 2007). Desse modo, é preciso que haja oferta de liberdade para que a pulsão possa se manifestar. "É seguindo de perto as repetições que acompanhamos as vicissitudes da pulsão e rastreamos as pegadas das identificações" (ALONSO, 2007). Acreditamos que se alguma possibilidade existe, será permitindo que o sujeito se expresse e se aproprie da história que lhe constitui, a elabore e reescreva protagonizando o seu lugar nesse contexto.

BIBLIOGRAFÍA

Alonso, Silvia Leonor. A escuta psicanalítica. São Paulo: Casa do psicólogo. 2011

Ayres, L. (2002). Naturalizando-se a perda do vínculo familiar. In M. L. Nascimento (Org.), Pivetes: a produção de infâncias desiguais (pp. 110-127). Niterói, RJ: Intertexto.

Costa, Terezinha (2020). Psicanálise com crianças. Rio de Janeiro: Zahar.

Freud, S. Além do princípio de prazer. In: Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

Instituto de Pesquisa Econômica aplicada - IPEA (2002) Levantamento Nacional de Abrigos para Crianças e Adolescentes da Rede SAC.

Lacan, Jacques. Duas notas sobre a criança. In: Opção Lacaniana. N 21, Abril, 2008. (p. 5-6).

Marcílio, M. L. (1998). História social da criança abandonada. São Paulo: Hucitec.